

Conversações Governo-Renamo prosseguem na capital italiana

Noticias
11/12/90

As negociações de paz entre as delegações do governo moçambicano e da Renamo prosseguem em Roma em ritmo cauteloso, com o espírito de que pouco adiantará correr para acordos frágeis e irresponsáveis.

N. 11/12/90

Extremo cuidado com que a delegação governamental moçambicana e os mediadores italianos se escusam a falar para a Imprensa, denota a persistência de grandes escolhos neste processo, ainda por transpor.

O espírito é o de que todo o cuidado é pouco, para evitar rupturas do processo, até que se estabeleça o indispensável clima de confiança entre as partes, capaz de permitir a abordagem das questões de substância, as relativas a assuntos políticos e ao cessar-fogo.

Esta é pelo menos o entendimento com que se fica, quando se circula entre as partes envolvidas.

Deste entendimento parece pouco provável que esta terceira ronda, iniciada a 8 de Novembro passado, culmine com um acordo geral de cessar-fogo, como chegou a avertar-se em certos meios diplomáticos, e como parecia ser esse o objectivo, pelo menos, da parte do governo moçambicano, segundo o comunicado emitido na semana passada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros em Maputo.

Aliás, nem as questões políticas começaram a ser abordadas, visto que os pontos de agenda propriamente dita continuam de fora.

Pelas informações que pudemos recolher em Roma, fica claro que até agora apenas foi abordada a questão da presença das tropas zimbabweanas em território moçambicano, por insistência da Renamo.

O processo teria avançado muito mais se a Renamo tivesse se mostrado pronta a discutir esta questão no quadro do próprio cessar-fogo, até porque no nosso país estão também estacionadas tropas do Malawi, comentava à AIM uma fonte próxima das negociações.

Dando prosseguimento na mesa das negociações às suas reivindicações desde Setembro último, a Renamo teria pretendido que o contingente zimbabweano pura e simplesmente se retirasse de Moçambique, como

condição para aceitar avançar para o debate das questões da agenda.

No entanto, há claras indicações de que um acordo sobre esta matéria, que pode ser alcançado brevemente, vai preconizar apenas o confinamento deste contingente aos corredores ferro-portuários da Beira e do Limpopo, que servem interesses económicos estratégicos do Zimbabwe.

No quadro deste previsível acordo, transparece o entendimento de que as tropas zimbabweanas limitar-se-ão a acções defensivas, devendo a Renamo abster-se de atacá-las.

«É um processo extremamente desgastante, pois nem todas as partes beligerantes mostram-se preparadas a largar imediatamente as armas e se lançarem à luta política», diria a nossa fonte, que pediu o anonimato.

A julgar por este espírito de certo desalento, a lentidão do processo terá que ver com uma grande fraqueza da parte da Renamo, que lhe dificultaria a expressão clara e rápida das suas pretensões no mesa do diálogo.

Ao contrário do que seria de supor, um desequilíbrio excessivo entre as partes beligerantes só dificulta os acordos, multiplicando, por outro lado, o trabalho dos mediadores.

Por outro lado, será necessário entender que, no momento em que as perspectivas de paz parecem reais, surgem no jogo muitos interesses externos, eles mesmos nem sempre coincidentes nos seus objectivos finais, viciando as negociações.

Isto mesmo tem, aliás, sido

referido por fontes independentes no exterior, segundo as quais algumas forças tradicionalmente tidas como aliadas da Renamo estariam pouco interessadas no fim da guerra em Moçambique, à custa da qual têm arrecadado avultadas riquezas.

Os semanários portugueses «Expresso» e «O Independente» têm referido, com insistência, o Quénia como um dos aliados em conexão com interesses de determinados sectores alemães e também sul-africanos, não identificados.

De resto, é publicamente sabido, aqui em Roma, que altas individualidades da administração queniana, entre civis e militares, têm rodeado permanentemente a Renamo na capital italiana.

É o caso do conhecido Betwel Kiplagat, uma figura-chave no caso Renamo-Quénia, e ainda do Brigadeiro Opani, também tido como individualidade influente no esquema.

A par disto, têm sido referidas visitas de conhecidos representantes de determinados interesses portugueses, que estariam a procurar que, por via política, a Renamo lhes garanta, nas negociações, objectivos obscuros num Moçambique pacificado.

Os últimos casos referidos em Roma incluem o nome de Sarras Pires, que identifica uma conhecida família portuguesa outrora com interesses nas reservas de casa de Moçambique, nomeadamente na de Gorongosa.

De qualquer modo, quer entre a delegação governamental moçambicana, quer entre os mediadores, persiste o espírito de resistência ao pessimismo, assumindo-se que o processo é delicado, mas terá de culminar com a paz.